



O cidadão do século XXI questiona a existência de usinas, torres, postes e fios por poluírem o meio ambiente das mais diferentes formas. **POR EDUARDO JOSÉ BERNINI***

Novos passos,

A Começar a contribuição bimensal para uma revista de tecnologia da energia é um privilégio e um risco. O privilégio é poder compartilhar ideias com um público especializado. O risco, cansar os leitores logo no primeiro comentário. Por fazer parte de uma revista bimensal com enfoque em tecnologia, o propósito da coluna é sair das polêmicas conjunturais e abrir espaço à discussão de tendências – e, tanto quanto possível chamar a atenção para novos passos. Espero que sua leitura seja tão estimulante para o leitor quanto o ato de escrever é para mim.

Para começar de fato, uma pergunta: o que podemos esperar da onda “Smart Grid” e das “redes inteligentes”? Penso que ninguém vai ficar bravo se afirmar que 131 anos depois da invenção da lâmpada elétrica incandescente por Thomas Edison, a indústria de energia elétrica continua basicamente a mesma: produz algo invisível, transporta esse algo invisível até um ponto de entrega e tem como cliente alguém que acha que paga caro e que, como cidadão sintonizado com o século XXI, questiona a existência de usinas, torres, postes e fios por poluírem o meio ambiente das mais diferentes formas.

Por sua vez, o que aconteceu com a indústria de telecomunicações? No início nem se chamava “telecomunicações”. Era o telégrafo, os postes e os fios da Western Union cruzando pradarias, em paralelo aos trilhos das ferrovias. Depois, postes e fios urbanos. Nada diferente da face visível da indústria de energia elétrica (a menos das chaminés das usinas termoeletricas). E na ponta do fio, um aparelho (“Meus Deus, ele fala!”, de acordo com o nosso Dom Pedro II).

Mas, de fato, o que o usuário realmente via e percebia era a fatura, a conta no final do mês cobrando aquilo que era também entendido como uma exorbitância. O que aproximava ainda mais a indústria da telefonia da indústria de energia elétrica no imaginário do usuário.

A virada

O grande marco divisor dessas águas comuns foi a transformação da “telefonia” em “telecomunicações”. Para o cliente/usuário, a percepção deixou de ser a da fatura dissociada do serviço, e sim a do valor criado pela possibilidade de acesso a múltiplos serviços: além do “Meus Deus, ele fala!”, também “messageia” textos, imagens, sons e dá ao usuário um novo sentido de pertencer e participar de comunidades que preenchem, inclusive, carências emocionais.

Ora, quem vai se importunar com o quanto custa tudo isso se o retorno, inclusive emocional, é tão valorizado socialmente? Quem

vai se chatear com a fila na loja ou a musiquinha de espera no call center para trocar pela “enésima” vez o celular seminovo (adquirido faz quinze dias...) por um mais moderno, lançamento da semana? É fashion...

Já a indústria de energia elétrica, parou no tempo. Energia elétrica são dois ou três buracos na parede e, à moda de Drummond, “mas como dói!”. Energia elétrica é poluição visual nas cidades e transtornos no campo. O valor da energia elétrica é invisível ao usuário/cidadão. Ele está na TV de plasma, no freezer de três portas, na lâmpada que afugenta os maus espíritos (sobretudo nas ruas...), nos aparelhos de telecomunicações... mas longe dos olhos e do coração e perto, muito perto, do bolso. E por mais que os “eletrocratas” tentem provar o contrário, no imaginário popular e político, “energia elétrica é cara” e estamos conversados.

É cara porque o valor percebido pelo usuário é baixo, praticamente nenhum. E é sob esse ângulo que “redes inteligentes” podem vir a mudar substancialmente “a fotografia na parede”.

No momento, ao observador atento chama a atenção de que se trata de uma nova versão de um velho campeonato de engenharia: como utilizar a capacidade física dos velhos fios de transporte dos sinais na forma de bits e bytes para melhorar a eficiência de gestão do sistema elétrico. Isso é ótimo e necessário, mas continuará invisível ao usuário/cidadão. Será possível realizar o monitoramento da carga e ligar e desligar consumidores inadimplentes remotamente, o que reduz os custos e melhora a disciplina comercial. Também ótimo e necessário (até mesmo para fazer justiça para todos os clientes adimplentes), mas continuará invisível



Mais de cento e trinta anos depois da invenção da lâmpada elétrica incandescente, a indústria de energia elétrica ainda produz e transporta algo invisível até alguém que acha que paga caro



velhas tendências

para o cliente, pois nada disso lhe trará “valor”. Não vai ter qualquer impacto em seu dia-a-dia.

Mesmo que o aumento na eficiência se transforme em redução de custos, o cliente não vê “valor” para si. No máximo, clientes, reguladores e políticos verão nesse aumento de eficiência um misto de “não fazem mais do que a obrigação” e “isso vai gerar mais lucros e vamos encontrar uma fórmula de capturar esse ganho”.

Se há uma revolução que a tecnologia e o “Smart Grid” poderá trazer para a indústria de energia elétrica é, portanto, acabar com a “indústria de energia elétrica” e transformá-la em indústria do conforto, segurança, entretenimento, saúde, educação, informação - que é o que o usuário realmente deseja e percebe.

Energia elétrica é um meio e sempre será um meio. E enquanto for tratada como um “algo” apartado do seu fim, o uso final, o que haverá é uma batalha de “bastardos inglórios” sem vencedores.

Por isso, redes inteligentes devem significar que a equação do negócio vai mudar radicalmente. Se a eletrônica embarcada nos equipamentos permite o monitoramento remoto do seu funcionamento e desempenho, também permitirá que, para o “usuário”, realmente fique invisível o meio que faz aparelhos funciona-

rem. E quem irá pagar a conta? Obviamente, o usuário. Mas uma conta embutida na contraprestação de serviços valorizados por proporcionar conforto, segurança, entretenimento, saúde, cultura, informação e todo um vasto etc.

Sonhar é para loucos e poetas. Mas dizem que são os engenheiros que fazem o mundo dos sonhos se transformar em realidade, mesmo que não percebam o quanto de loucura e poesia está contido nos seus atos.

A indústria de energia elétrica, sobretudo a distribuição e comercialização a “clientes”, encontra-se diante de um impasse. Os avanços tecnológicos na eletrônica, nas células a combustível, na descentralização que permite “competição”, o surgimento de novos e mais criativos empreendedores (Google Energy dot Com!), não é uma ameaça latente, é uma realidade em transformação. Para sobreviver, essa indústria precisará renascer. E esse renascimento está na tecnologia em mutação. ■

Eduardo Bernini é Sócio Diretor da Tempo Giusto Consultoria. Economista pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo – FEA/USP.

